

## LEITURA CATEQUÉTICA DA EXPERIÊNCIA DO CAMINHO DE EMAÚS (Lc 24, 13-35)

(Catechetical Reading the Experience Road to Emmaus, Luke 24.13-35)

### Delmiro Vieira do Nascimento Júnior

Licenciado em Filosofia, bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), Campus Pio XI, e especialista em Catequese pelo mesmo Instituto.

#### Resumo

O presente artigo que abordar a catequese como um itinerário de formação e seguimento de Jesus Cristo, o qual está fundamentado na experiência de fé, vivida em comunidade, alicerçado na eucaristia e na Palavra de Deus, a serviço da missão. A catequese por ocupar um lugar privilegiado na evangelização, uma das colunas de sua pastoral, exige uma atenção de toda a Igreja, pois diz respeito à formação do discípulo-missionário capaz de se responsabilizar pelo crescimento da vida eclesial e de sua missão no mundo. Para que tal proposta de formação e educação da fé responda às necessidades hodiernas, urge um retorno à centralidade da pessoa de Jesus Cristo, fundada numa profunda e pessoal experiência de discipulado e compromisso com o Senhor.

Palavras-chave: Itinerário. Discipulado. Jesus Cristo

#### Abstract

This article address the catechism as a path of training and follow Jesus Christ, which is based on the experience of faith lived in community, grounded in the Eucharist and the Word of God, the service of mission. Catechesis for occupying a privileged place for evangelization, one of the pillars of his pastoral calls attention to the whole Church as it relates to the formation of missionary disciples be able to account for the growth of church life and mission in the world. For such a proposal for training and education of faith respond to today's needs, urges a return to the centrality of the person of Jesus Christ, founded on a deep and personal experience of discipleship and commitment to the Lord.

Keywords: Itinerary. Discipleship. Jesus Christ.

#### Introdução

Intentaremos desenvolver uma abordagem bíblica e catequética do discipulado, formação e seguimento de Jesus Cristo a partir do “Caminho de Emaús” em Lc 24, 13-35. O texto bíblico de Lucas pode ser visto no seu conjunto como uma grande narrativa catequética do ministério de Jesus. O evangelho de Lucas pode ser dividido em duas grandes partes: a primeira, a preparação do ministério de Jesus (1,5-4,13), esta engloba as narrativas da infância (1,5-2,52) e preparação da missão de Jesus feita por João Batista (3,1-4,13). A segunda parte corresponde ao restante da narrativa evangélica (4,14-24,53). O evangelista narra a viagem de Jesus à Jerusalém (9,51-19,28). São dez capítulos, e segundo muitos estudiosos, esta seria a parte original do relato de Lucas. É uma longa caminhada de Jesus com seus discípulos: pode-se dizer que se trata de uma grande catequese para os discípulos que querem seguir o caminho de Jesus, preparando o caminho da Igreja depois da páscoa. Por isso, toda a perspectiva teológica de Lucas será conhecida entre os exegetas como a “teologia do caminho”.

O texto que inspirará o desenvolvimento do trabalho monográfico está inserido na segunda parte, nos relatos da experiência do Ressuscitado, no caminho de Emaús. Neste sentido, a narrativa centra-se na pessoa de Jesus Cristo, da experiência dos discípulos e do querigma nas comunidades cristãs, especialmente àquelas ligadas à tradição lucana. O texto dá uma orientação teológico-catequética do discípulo: o encontro, a palavra e a missão.

A Palavra e a partilha do Pão (Eucaristia) são os sinais pelos quais os discípulos reconhecem o Senhor. Abrem-se os olhos e o coração, mas ele fica invisível diante deles. Ele permanece no meio da comunidade que o reconhece na fé, pois acolhe sua presença real e constante na comunidade dos discípulos: aí se dá o encontro pessoal com Jesus Cristo, que os faz capazes de se comprometer com o Reino de Deus (Cf. Lc 24,30-35). Deste modo, a catequese, como itinerário de formação dos discípulos, será permanente na escuta da Palavra e na fé celebrada na liturgia eucarística, ou seja, na comunhão da comunidade dos batizados. O encontro com Jesus Cristo se dá de forma privilegiada na Palavra de Deus contida na Escritura e no culto eucarístico, onde a Igreja reunida em nome do Senhor, no Espírito Santo une-se em comunhão com o Pai. Assim o encontro com Jesus Cristo leva o discípulo à participação na vida divina da Trindade.

### **1. A composição literária e o contexto da narrativa**

O capítulo 24 é a última parte de toda a composição do Evangelho de Lucas<sup>1</sup>. Ela apresenta uma característica singular, pois é a conclusão de todo o caminho realizado por Jesus e seus discípulos. Em toda a sua narrativa, Lucas tem a intenção de narrar os acontecimentos e fatos da vida pública do Mestre, ou seja, seu ministério a começar na Galiléia, Judéia (todo o percurso do caminho a Jerusalém), e na cidade de Jerusalém onde Jesus Cristo morre e ressuscita. Desse modo, a narrativa deste último capítulo encontra-se na literatura das “narrativas da ressurreição”, que o autor do evangelho apresenta apenas a aparição aos apóstolos nos últimos versos (vv.36-52).

Do modo como está organizado a narrativa pode ser dividida em três partes: o anúncio da ressurreição às mulheres (vv.1-12), a experiência do “caminho de Emaús” (vv.13-35), a aparição aos discípulos (vv.36-52). A narrativa está unida ao redor do cumprimento das promessas sobre o Messias, narradas nas Escrituras Sagradas (lei e profetas) e no testemunho dos apóstolos, representado na figura de Pedro (v.12 e 34). Como um dos temas centrais de toda a narrativa, encontra-se a explicitação do querigma primitivo (vv.7;21-24;46). O conteúdo do primeiro anúncio (*querigma*) é composto de verdades sobre a pessoa de Jesus de Nazaré, como o enviado de Deus, o qual em nome dele realiza a definitiva intervenção do Senhor na história, por meio de suas ações e palavras, sofrimento, morte e ressurreição, e glorificação à direita de Deus Pai.

Neste tópico inicial vamos analisar as três partes da narrativa detendo-nos mais demoradamente na segunda parte, que é o texto inspirador de toda a reflexão. Em primeiro lugar, pode-se perceber que o anúncio e a aparição do Ressuscitado acontecem num curto espaço de tempo.

O texto bíblico dá algumas indicações, como por exemplo: “no primeiro dia da semana, de madrugada” (v.1); “naquele mesmo dia” (v.13); “levantaram-se imediatamente e voltaram a Jerusalém” (v.33) e “estavam falando disso...” (v.36). O tempo no sentido cronológico é transformado em *Kairós*, pois o que importa na narrativa não é a quantificação do tempo, mas a qualidade que os acontecimentos proporcionam a adesão de fé dos discípulos.

Segundo antiga tradição cristã, o primeiro dia da semana, ou seja, o domingo era o “dia do Senhor”, com certeza a comunidade lucana já conhecia e conservava esta tradição: dia em que os cristãos se reuniam para escutar a Palavra de Deus, por meio da pregação apostólica e celebrar o memorial do Senhor, a fração do pão. Como lemos em At 2,42: “eram assíduos em escutar o ensinamento dos apóstolos, na solidariedade, na fração do pão e nas orações.” O texto de Lc 24 é uma catequese organizada sobre a prática comum dos primeiros cristãos, pois o caminho de Emaús foi entendido como símbolo da celebração eucarística, composto de duas partes fundamentais: liturgia da Palavra e a Eucarística. Hoje este texto bíblico encontra-se como o paradigma do itinerário catequético de amadurecimento cristão, no encontro com o Senhor, na escuta da Palavra, na partilha do pão, e na missão.

A respeito do evento da ressurreição do Senhor a que se deve o encontro revelador de Emaús, é narrado por Lucas a partir de duas informações comuns que evidenciavam o fato: acharam a pedra removida do sepulcro e não encontraram o corpo do Senhor Jesus (v. 2s), e ainda o testemunho de dois homens de roupas resplandecentes (v. 4). Assim:

No quadro dos acontecimentos da Páscoa, o primeiro elemento com que se depara é o sepulcro vazio. Ele não constitui em si uma prova direta [...]. Apesar disso, o sepulcro vazio constitui para todos um sinal essencial.<sup>2</sup>

O autor bíblico baseia-se nestas duas evidências: uma de caráter físico e outra psicológica, a qual tem um valor simbólico. A resposta das mulheres diante deste fato inusitado é semelhante a dos discípulos e dos doze, “tomadas de medo, elas baixaram o rosto para o chão...” (v.5a). Provavelmente Lucas conhecia a tradição judaica dos tribunais que, para testificar uma verdade, faziam-se necessárias duas testemunhas e que estas fossem homens, assim como narra o evangelista: “enquanto elas estavam perplexas com isso, eis que dois homens se lhes apresentaram com roupas resplandecentes” (v.4). Este recurso do atestado e veracidade do fato pode ser encontrado também noutro trecho: “dois dentre eles se dirigiam para uma aldeia chamada Emaús...” (v.13).

No Catecismo, encontra-se o segundo elemento que testifica a ressurreição do Senhor: as aparições que são narradas pelos evangelistas. Segundo o evangelista Lucas, as mulheres foram as primeiras mensageiras da ressurreição de Cristo para os apóstolos, “foram as primeiras a encontrar o Ressuscitado” (Mt 28,9; Jo 20,11-18). A eles, o grupo dos doze, que Jesus apareceu primeiro a Pedro, depois aos Doze (cf. Catecismo 641). Com isso, a pessoa de Pedro é chamada a confirmar a fé de seus irmãos e sobre a qual se fundamentará a fé da primeira comunidade, isto é, no testemunho dele. Desse modo lemos:

Como testemunhas do Ressuscitado, são eles as pedras da fundação de sua Igreja. A fé da primeira comunidade dos crentes tem por fundamento o testemunho de homens concretos, conhecidos dos cristãos, e na maioria dos casos, vivendo ainda entre eles (CATECISMO, 642).

O diálogo entre as mulheres e os “homens que se apresentaram com vestes resplandecentes” acontece dentro do contexto de assombro. As mulheres procuravam a Jesus, que havia morrido, mas elas se deparam com o anúncio dos homens: “ele não está aqui, mas ressuscitou” (v.6). Para que as mulheres entendessem o significado da notícia, chama-lhes a atenção para a recordação das suas palavras desde a Galiléia, ou seja, suas ações e pregação já eram antecipações do que viria a acontecer com o Mestre Jesus: “É preciso que o Filho do Homem seja entregue nas mãos dos homens pecadores, seja crucificado e no terceiro dia, ressuscite” (v.7). Diante de tão grande boa notícia, as mulheres não tiram nenhuma conclusão. O evangelista apenas diz que “elas se lembraram das palavras dele” (v.8). Este anúncio da paixão-morte e ressurreição do Senhor será noutros versículos apresentados pelo evangelista: “não era preciso que o Cristo sofresse isso para entrar na sua glória?” (v.26), e ainda, “É como foi escrito: o Cristo sofrerá e ressuscitará dos mortos no terceiro dia” (v.46). Nas três partes em que pode ser dividido este capítulo 24, encontramos a afirmação da promessa da ressurreição do Messias, ou seja, do Ungido de Deus, seu Filho.

No final desta primeira parte (v.1-12), o evangelista apresenta, não mais o testemunho dos homens com roupas resplandecentes, mas o testemunho das mulheres aos apóstolos. Lucas tem o cuidado de mencionar até o nome de algumas delas: Maria de Mágdala, Joana e Maria de Tiago e outras companheiras delas. O anúncio da ressurreição acontece em primeiro lugar às mulheres, assim como no início de seu evangelho o anjo mensageiro de Deus, apresenta-se à jovem Maria em Nazaré da Galiléia (Lc 1,26-38). De acordo com a tradição das primeiras comunidades cristãs, o Senhor Ressuscitado apresenta-se a elas, pois no costume judaico, as mulheres eram responsáveis por preparar o corpo das pessoas que morriam, e a unção dos pés de Jesus com perfume fora antes mencionado como uma preparação para sua sepultura: “o que ela podia fazer, ela o fez: perfumou o meu corpo antecipadamente para o sepultamento” (Mc 14,8).

A notícia da ressurreição do Senhor que fora anunciada às mulheres, chegou aos apóstolos: “voltaram do túmulo e relataram tudo aos Onze e a todos os outros [...], e diziam também aos apóstolos” (v.9s). O testemunho e a experiência vivenciada pelas mulheres encontram seu pleno significado na comunidade cristã e apostólica, os quais testificam o anúncio das mulheres. Assim como se lê no evangelho: “Pedro, no entanto, partiu e correu ao túmulo; inclinando-se não viu senão faixas e foi-se embora para casa, muito surpreso com o que havia acontecido” (v. 12). No final da narrativa do relato da caminhada de Emaús, o evangelista testifica a proclamação do evento da ressurreição no testemunho de Pedro: “É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão” (v.34). A respeito disso:

O autor não quer menosprezar o anúncio das mulheres, mas colocar às claras que a fé pascal não se alicerça sobre o testemunho delas, mas sobre o testemunho dos apóstolos, que são os primeiros que asseguram a verdade da ressurreição.<sup>3</sup>

A fé pascal é uma realidade que tem seu ápice no encontro pessoal com o Senhor. A comunidade cristã primitiva expressava tudo isso por meio da catequese catecumenal a

qual iniciava o catecúmeno nos mistérios de Cristo, como um processo de adesão e aprofundamento da pessoa de Jesus Cristo, inserido na vida da comunidade de fé. O texto do relato de Emaús é uma bela expressão do caminho de cada cristão em crescimento na comunhão com o Senhor: por meio de Sua Palavra e por meio da partilha do Pão, práticas que aconteciam nas reuniões em casas, como algo comum e de significado sagrado, pois era a atualização da presença de Jesus na comunidade dos discípulos.

## 1.2 Aspectos teológico-catequéticos do discipulado

O relato bíblico de Emaús apresenta uma experiência de fé logo após os acontecimentos da Páscoa. O evangelista apresenta com detalhes algumas circunstâncias, visto que o texto expressa um modo de compreender a ressurreição do Senhor e o reconhecimento de sua presença na comunidade cristã. Observando a estrutura da narrativa, o leitor pode perceber um itinerário de amadurecimento da fé, ou ainda, um processo de iniciação no conhecimento do Senhor Jesus, o qual gera o discípulo missionário a partir dos seguintes elementos: o encontro, a palavra e a missão. Aqui se revela a habilidade de Lucas, que soube temperar a sugestão da arte narrativa com o ensinamento do pregador.

Ele utilizou os fragmentos de uma tradição que circulava entre os discípulos de Jerusalém, às margens do ambiente oficial, para criar uma história edificante, ou seja, um relato que servisse para a reflexão e vida da comunidade cristã.<sup>4</sup>

Pode-se reconhecer uma intenção catequética e didática na estrutura global da narração, como também nas sublinhas ou retomadas temáticas. O diálogo ocupa a parte central e preponderante do episódio. Por meio do diálogo é articulado o movimento que leva os dois discípulos desiludidos, da incapacidade de reconhecer Jesus ao reconhecimento alegre de sua presença. Portanto, segundo Fabris:

As duas partes do diálogo sustentado por Cléofas e por Jesus reproduzem os dois momentos contrapostos na caminhada de fé. De um lado, expectativa enganosa de um messianismo político nacionalista, do outro, a compreensão do verdadeiro projeto salvífico de Deus.<sup>5</sup>

Pode-se dividir a perícopes em três grandes partes: o encontro (v.13-17); a palavra, que se desdobra na explicação da Escrituras e na fração do pão (v.18-32) e a missão (v.33-35). Como o texto está organizado, é de fácil percepção que o evangelista desenvolve a temática do ensino das Escrituras e da refeição à mesa, ou seja, a fração do pão como a maior parte da narrativa. Embora seja importante notar que a primeira parte (o encontro) serve como uma introdução do texto, e a terceira, a missão, desempenha a função de conclusão do texto. Ainda é interessante observar alguns elos entre as partes no todo do último capítulo do Evangelho de Lucas: Ao iniciar a narrativa do episódio de Emaús, o evangelista, menciona a ligação do acontecimento à marcação de tempo: “No primeiro dia da semana” (v.1) e “nesse mesmo dia” (v.13). Entre a primeira e segunda parte, o evangelista faz a ligação com a pergunta do forasteiro: “que palavras são essas que trocáis enquanto estais caminhando?” (v.17a).

Por sua vez, entre a segunda e a última parte do texto, os discípulos se questionam: “Não ardia o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (v.32).

### 1.2.1 O encontro: Aprender caminhando com o Mestre

A narrativa na primeira parte contextualiza o encontro entre os discípulos e o forasteiro que inicia uma caminhada até o destino deles. O evangelista apresenta as personagens e as circunstâncias da introdução: “eis que dois deles viajavam de Jerusalém a um povoado chamado Emaús” (v.13). A primeira pergunta ao se deparar com o texto é perguntar-se quem são estes discípulos: o redator do evangelho menciona que o nome de um deles é Cléofas, sobre o outro não é dada nenhuma informação (v.18).

Embora a tradição tenha identificado este outro discípulo como uma personagem feminina, talvez a esposa de Cléofas, Maria, mulher que é mencionada aos pés da cruz na morte de Jesus (Jo 19,25), outras interpretações mais espirituais identificassem este personagem sem nome como todo discípulo ou discípula de Jesus. Estes dois discípulos fazem um itinerário, um caminho: o sair de Jerusalém e o retornar, ao final da narrativa, não são mencionados por acaso, mas tem um sentido teológico importante na obra lucana: o menino Jesus, segundo o evangelho de Lucas é apresentado ao Senhor no Templo de Jerusalém, e pela boca de Simeão, ele é reconhecido como “Cristo do Senhor” e ainda, “luz das nações e glória de seu povo, Israel” (Lc 2,22.26.32). O adolescente Jesus, aos doze anos encontra-se mais uma vez no Templo de Jerusalém, entre os doutores da Lei, ouvindo-os e interrogando-os (Lc 2,46), e por fim Jesus já no seu ministério decide subir a Jerusalém, lugar onde ele sofreria a paixão, mas ao terceiro dia ressuscitaria (Lc 9, 22.44.51).

A cena bíblica, na introdução do relato de Emaús, lembra que os discípulos “conversavam sobre todos esses acontecimentos” (v.14). Antecede a narrativa do encontro com o Senhor Ressuscitado, todo o processo de Jesus. Os discípulos lembram todos os acontecimentos, ou seja, suas palavras e ações. A morte de Jesus encontra-se neste momento como uma grande frustração. A vida dos seguidores de Jesus perde a direção. O Mestre não está mais com eles, sentem-se desolados e confusos, pois apesar de tudo o que eles presenciaram: a prisão, a condenação, o sofrimento e a morte de Jesus, as mulheres vindas do túmulo anunciavam que o Senhor não estava mais lá. A reação da comunidade foi de dúvida, pois ainda não conseguiam reconhecê-lo.

Os dois discípulos tinham acompanhado Jesus na sua caminhada por toda a Palestina. Afirma o texto de Lucas que enquanto eles discutiam ao longo do caminho, “o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles.” (v.15). A iniciativa é de Jesus, ele não interrompe o assunto. A atitude de Jesus é caminhar com eles, aproximar-se é dispor-se a conhecer e sentir a necessidade do outro. Jesus vai com eles, escuta-os e inteira-se da situação. “Daí a importância de perceber que o texto de Emaús não é um acontecimento isolado da história, mas uma experiência da comunidade dos que acreditam em Jesus e se colocam no caminho do discipulado”.<sup>6</sup>

Esse caminhar pode ser ocasião para um encontro transformador, de uma nova experiência, de mudança de mentalidade. O peregrino se aproxima, se interessando por eles e pelo que conversavam. O desânimo, o medo e a incerteza impediam os discípulos de enxergar o horizonte do caminho. A tristeza tirava-lhes o brilho do rosto. Suas esperanças haviam caído por terra, “seus olhos, porém estavam impedidos de reconhecê-lo” (v.16).

Algumas sugestões básicas nascem da leitura desta primeira cena do encontro: interessar-se pelo outro, escutá-lo, acolhê-lo, partilhando e ouvindo fraternalmente seus desabafos e desafios que enfrenta.<sup>7</sup> Pois, dispor-se para a acolhida é um dos meios privilegiados para chegar ao coração das pessoas. Jesus entra pelas portas das preocupações que ocupavam o coração dos discípulos e pergunta: “que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?” (v.17). A pergunta de Jesus deixa-os surpresos. Os dois estavam abalados com os acontecimentos. Jesus percebe os sentimentos de dor e desilusão dos caminhantes. Também no hoje de nossa história, o Espírito do Senhor ajuda-nos a perceber as dores, as angústias e as tristezas dos discípulos de Jesus.

O caminho não está pronto. Ele se refaz e se remodela à medida que as pessoas vão descobrindo novas perguntas, respostas e propostas de vida. O caminho das pessoas é uma jornada individual e comunitária. Traz as marcas da cultura, da religiosidade, do ambiente social, político e econômico. A ação evangelizadora precisa considerar diversos aspectos: o estilo pessoal de cada um, as características da cultura, a situação social das pessoas, os limites e capacidades individuais. Pois, “o ser humano está a caminho e necessita ser valorizado a partir de sua realidade, numa entre - ajuda em que todos ensinam e aprendem”.<sup>8</sup>

Discipulado não é ponto de chegada, mas processo: “Ser discípulo é um dom destinado a crescer”.<sup>9</sup> Daí que “o acontecimento de Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo, que surge na história e a quem chamamos discípulo” (DAp 243). A Conferência de Aparecida propõe como primeiro passo no itinerário de seguimento de Jesus, o encontro pessoal com o Senhor Ressuscitado, para que haja uma experiência pessoal e profunda de fé. Por isso, “não deixa de ser um dos principais desafios hoje, para a catequese, a liturgia, as pastorais sociais, os movimentos e demais organismos da Igreja”.<sup>10</sup>

### **1.2.2 A Palavra: Aprender ouvindo o Mestre**

O segundo momento da narrativa de Lucas insere-nos no aprofundamento do encontro, ou seja, no diálogo. O evangelista descortina toda uma expectativa devido a paixão e morte de Jesus, uma verdadeira decepção. O forasteiro encontra-os numa situação existencial de profunda tristeza, mas ele se interessa pela situação dos dois outros caminhantes. No plano histórico, sem o encontro com o Senhor Ressuscitado, o que aconteceu com Jesus é um escândalo, um acontecimento sem sentido; as próprias Escrituras, bem conhecidas pelos dois discípulos judeus, sensíveis às esperanças messiânicas, ficam seladas e sem sentido. “A antiga caminhada do povo de Deus rumo à libertação tem agora uma desembocadura histórica, na realidade de Jesus”.<sup>11</sup>

O autor do evangelho organiza o diálogo entre os dois discípulos e o forasteiro de forma direta. Lucas retomou alguns trechos de pregação ou de catecismo cristãos que circulavam nas primeiras comunidades e traçou este longo diálogo didático. A pergunta do forasteiro: “que palavras são estas...” (v.17a), não é respondida de imediato, pois, um deles imediatamente a devolve: “tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora estes fatos?” (v.18b), a pergunta novamente é dirigida aos discípulos: “quais?” (v.19a). A resposta a tantas questões que inquietavam os discípulos deveria ser dada por eles mesmos. Todos os acontecimentos dos últimos dias, diziam respeito ao Nazareno: “o que aconteceu a Jesus, o Nazareno...” (v.19b).

A caminhada do povo de Deus, como a do profeta de Nazaré, é marcada pelas credenciais históricas, mas também pelas decepções, pelos sofrimentos e humilhações. A atividade de Jesus e seu destino se iluminam sobre este fundo da antiga história transmitida na Bíblia; mas Jesus é também o cumprimento e garantia da esperança definitiva das expectativas do passado. O início deste diálogo dos discípulos com os forasteiros revela que a esperança dos discípulos em torno de Jesus era de um líder humano. Não tinham compreendido que Jesus era mais do que um morador de Nazaré e seu profeta. O evangelista remonta toda uma tradição do processo de Jesus, ou seja, todos os fatos ocorridos com o Senhor: “um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo: como nossos sumo sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram” (v.20).

A esperança dos discípulos parece estar mais voltada para um líder histórico e nacionalista. “Nós esperávamos que fosse ele quem redimiria Israel” (v.21). Os discípulos não conseguiam ir além da cruz, estavam parados e desencantados diante da morte de Jesus. A crise dos discípulos estava na incapacidade de superação da crise da cruz. Sem compreender qual era o verdadeiro projeto de Deus, lamentam o fracasso da libertação política esperada pela atuação de Jesus.

A identidade do discípulo missionário de Jesus Cristo nasce da experiência, do encontro vital com o Senhor, o ser discípulo é um dom destinado a crescer no qual a iniciação cristã dá a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no Cristo. O evangelista retoma a narrativa do *querigma* primitivo, ou seja, o conteúdo essencial da revelação de Deus em Jesus: o Filho que realiza as promessas e dá um novo significado à relação da humanidade reconciliada com o Pai em Cristo por meio de sua morte e ressurreição. A tradição dos testemunhos é mencionada neste texto, subsequente aos últimos acontecimentos da vida de Jesus: “É verdade que algumas mulheres, que são dos nossos (...) tendo ido muito cedo ao túmulo e não tendo encontrado o corpo, voltaram dizendo que havia tido uma visão de anjos a declararem que ele está vivo” (v.22-23), e ainda: “alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas tais como as mulheres haviam dito, mas não o viram” (v.24).

Embora os dois discípulos tenham conhecimento destes testemunhos e das evidências do túmulo vazio e da palavra das mulheres eles ainda não o reconhecem como o Ressuscitado. No texto, existe uma relação de contradição entre o ver e não ver, e o reconhecer e o não reconhecer.<sup>12</sup>

A situação dos discípulos no caminho de Emaús era ainda muito paradoxal. Como em todos os relatos de aparição, é Jesus que toma iniciativa de se manifestar; aproxima-se dos discípulos, anda com eles no caminho, reprova-os criticando duramente suas atitudes: “Insensatos e lentos para crer tudo o que os profetas anunciaram” (v.25). Mostra que eles não conhecem a palavra de Deus que abre horizontes inesperados ao homem grudado nas suas pequenas certezas.

A atitude de Jesus para com eles é de um Mestre, pois explica para eles que o plano de Deus tem uma lógica diferente da lógica humana, destacando que o sofrimento faz parte desse desígnio divino e que se trata de um meio pelo qual Deus purifica e leva tudo à plenitude. O que aconteceu com o profeta de Nazaré não é, portanto um absurdo, “mas algo que encontra sua explicação nas Escrituras que apresenta o caso de vários justos perseguidos e reabilitados por Deus”.<sup>13</sup> Se as Escrituras ajudam a entender o escândalo da cruz, tem também o poder de esquentar o coração desiludido: “e começando por Moisés e percorrendo todos os profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito” (v.24). O próprio Jesus mostra tudo o que na Bíblia se refere a ele, isso mostra duas coisas: “primeiro que Jesus realizou o que Deus pedia e prometia nas Escrituras do seu povo: liberdade e vida para todos. Segundo, mostra-nos que as primeiras comunidades foram descobrindo o sentido da vida de Jesus, graças à leitura da Bíblia”.<sup>14</sup> A Palavra de Deus na Bíblia é um lugar privilegiado onde a presença do Ressuscitado se manifesta. É na leitura comunitária da Bíblia que as pessoas encontram Jesus que dá sentido à vida, principalmente à luta pela justiça.

O pleno reconhecimento de Jesus acontece na fração do pão (v.30-31), que torna assim, essencial para reencontrar o Cristo. Destacando o pedido dos discípulos: “permaneça conosco, pois cai a tarde o dia já declina” (v.29), Lucas talvez esteja querendo indicar que Jesus está presente e permanece com os seus por meio deste sinal. Sua presença é, porém, totalmente nova em relação daquela terrena, pois, quando os dois discípulos procuram segui-lo, Ele se torna invisível diante deles. (v.31). Por isso, “Jesus Ressuscitado que partilhou a alegria da mesa com seus discípulos após a ressurreição, preside ainda à mesa dos que o convidam a ficar, a parar com ele”.<sup>15</sup> A grande questão a que o próprio texto incita cada um diz respeito à verdadeira experiência que podemos fazer com Jesus: Os dois discípulos parecem ter chegado ao destino. Jesus faz de conta que ia seguir o caminho, mas eles insistem para que se hospede junto a eles: Jesus aceita e se assenta à mesa com os dois. Então, “aqui temos a celebração da Eucaristia, a celebração da partilha, é nesse momento que eles o reconhecem”.<sup>16</sup>

Foi naquela refeição fraterna, na aldeia, que os olhos dos dois caminheiros se abrem e despertam para o discipulado e a missionariedade. Foi a memória do jeito de ser e fazer de Jesus, que permitiu abrir os seus olhos e reconhecer a presença viva do Ressuscitado: para os discípulos, o momento significativo foi o gesto da partilha com eles; a memória foi feita pelo caminho quando lhes explicava as Escrituras (v.27ss.), e a Palavra é compreendida a partir da experiência concreta do partir o pão. Neste sentido, “partir e repartir o pão era a nova fonte da vida comunitária. Esta era a Boa Nova, testemunhada por Jesus e apresentada pelas primeiras comunidades cristãs”.<sup>17</sup>

A refeição de Emaús fez os discípulos recordarem a Ceia Pascal do Mestre. Antes de seguir o caminho da cruz, Jesus se pôs à mesa, tomou o pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles. “A instituição da Eucaristia tornou-se memória permanente para a mística dos discípulos. No gesto da memória está a passagem da cruz para a ressurreição, da morte para a vida”.<sup>18</sup> Por isso, o que importa para Lucas é percorrer até o fim o caminho que leva ao reconhecimento de Jesus: a escuta da Palavra, que muda o coração, e o partir do pão em comunidade. Nesta altura os olhos se abrem para reconhecer a presença do Ressuscitado na comunidade de irmãos. De acordo com Casalegno, Lucas alcança seu objetivo:

Mostrar à sua comunidade que a fé em Jesus morto e ressuscitado corresponde perfeitamente ao plano de Deus e que ela amadurece lentamente por meio da compreensão das Escrituras e pela participação na Eucaristia.<sup>19</sup>

Embora misterioso, como o viajante desconhecido que se aproxima dos dois discípulos, Jesus Ressuscitado continua andando pelos caminhos dos homens sem os abandonar. Ele está vivo e presente nas vicissitudes da história, embora de outra forma, como Senhor da vida: “A memória é fonte de coragem e esperança. Toda vez que acontece esse gesto, na vida cotidiana, suscita a memória dos ensinamentos e da prática de Jesus de Nazaré no meio do povo”.<sup>20</sup>

### 1.2.3 A Missão: Aprender agindo com o Mestre

Os dois discípulos voltam a Jerusalém, ao encontro dos apóstolos, e anunciam o que presenciaram. Ao seu testemunho os apóstolos ajuntam a confirmação: “É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão” (v.34). Desse modo temos o círculo completo: Jesus se manifesta no caminho dos homens, e Pedro, o chefe da Igreja, pode confirmar isso, porque ele próprio viveu a experiência. Os discípulos ao reconhecerem Jesus, retomam o caminho para Jerusalém: há um novo olhar, uma nova motivação, uma luz no horizonte. Durante o afastamento, distanciando-se da comunidade, “caminharam para Emaús à luz do dia, mas havia escuridão por dentro; depois que o Mestre se revelou, atravessaram a escuridão da noite...”.<sup>21</sup>

O evangelista nesta terceira parte do texto chama a atenção ao modo como se inicia o relato de Emaús: “viajavam nesse mesmo dia para um povoado chamado Emaús” (v.13) e finaliza a narrativa, “naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém” (v.33). Os dois discípulos fazem um movimento contrário, retornam ao ponto inicial, ou seja, à cidade de Jerusalém. A atitude dos dois após terem reconhecido o Senhor Ressuscitado, também entra em oposição ao que foi narrado no início do percurso de viagem: “eles pararam com o rosto sombrio” (v.17c), e no final da segunda parte da narrativa, “não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho...” (v.32). Há uma mudança radical na vida destes caminhantes com o Senhor, eles fazem uma opção e ao reconhecerem Jesus vão anunciar a própria experiência feita no caminho e na casa ao redor da mesa: uma experiência de fé pascal.

Mas não está concluída a caminhada da fé pascal. Os dois discípulos percorreram de novo o caminho que os separou do grupo dos apóstolos e voltam a Jerusalém. Aqui eles deveriam dar o anúncio da páscoa, recebem-no os que estão ao redor de Simão. Uma fórmula de fé pascal, como ressoava nas primeiras comunidades cristãs, marca o ponto de encontro e reconhecimento dos discípulos:

A palavra, o pão e a profissão de fé são os três sinais de reconhecimento do Senhor e, ao mesmo tempo, as três etapas de uma caminhada que toda comunidade cristã pode fazer confrontando-se com a caminhada dos dois discípulos de Emaús.<sup>22</sup>

Não basta a compreensão das Escrituras, nem basta partir juntos os pães. A fé no Ressuscitado é completa quando se pode confrontar e expressar na comum profissão junto de Simão e os Onze. É evidente que por meio do tema do “caminho”, muito frisado no relato (vv.15.17.32.35), o evangelista quer fazer uma referência ao caminho concreto de cada batizado, em todos os tempos e em todo lugar, cheios de dificuldade e provações, porém sustentado pela ação poderosa do Ressuscitado. Por isso, “a narração é uma tácita exortação ao cristão para não ficar desorientado perante o problema do mal no mundo, mas iluminado pela Escritura, se colocar a serviço do desígnio salvífico de Deus, que vence o mal e salva a história”.<sup>23</sup>

De acordo com o exemplo dos discípulos de Emaús, nós também temos necessidade desta experiência de re-encantamento na fé. O coração aquecido lhes impulsionou para o dinamismo, para a missão: com ardor renovado pela presença e proximidade com o Ressuscitado que os olhos se abrem, o coração se aquece. Agora o novo ardor se espalha, sai do coração e chega à mente, à consciência e move os pés que saem a evangelizar. Dessa maneira, “eles compreendem e interpretam o caminho percorrido. Essa tomada de consciência, interpretando o próprio itinerário, é fundamental no processo evangelizador”.<sup>24</sup>

O encontro de Jesus com os discípulos de Emaús se deu num clima de diálogo e comunhão fraterna: explicar as Escrituras e partir o pão fez-lhes retornar ao caminho de Jerusalém com nova disposição de vida, com o coração aquecido, eles se põe no caminho ao encontro dos outros discípulos para contar a alegria do encontro com o Mestre, assumir a missão de formar comunidades e anunciar a boa nova de Jesus Cristo: os discípulos voltam à comunidade com um novo olhar. Refazem o caminho, agora com um espírito novo, com melhor compreensão da missão. O chamado à missão decorrente do nosso batismo implica uma resposta livre, um ato de confiança em Deus. Neste sentido, “a ação evangelizadora, catequética e pastoral da Igreja ajuda os batizados a descobrirem a beleza do seguimento de Jesus Cristo como uma proposta de vida coerente com o Evangelho”.<sup>25</sup>

### **Considerações finais**

Todo caminho de amadurecimento nasce de um ponto inicial. O princípio do itinerário marca profundamente a vida do cristão, pois somente a partir do encontro pessoal com o Senhor Ressuscitado que o itinerário terá um entido capaz de sustentar uma caminhada

de aprofundamento e vivência da fé. Percebe-se nesse sentido que são duas realidades indissociáveis: primeiro, o encontro com a pessoa de Jesus Cristo marca o caminho de vida do discípulo e o itinerário de formação dá razões mais profundas e consistentes para este encontro e seguimento. Pois bem, o encontro pessoal com Jesus Cristo insere o discípulo numa dinâmica de liberdade, amor e realização pessoal e o itinerário de formação configura o discípulo mais estreitamente ao Mestre a ponto de lançar o cristão à mesma missão do Senhor, ou seja, abre-o para o outro como dom de testemunho e serviço de caridade.

Apresentados os aspectos fundamentais do encontro com Jesus Cristo na fé, e do caminho de formação do discípulo, torna-se importante questionarmos-nos os lugares deste encontro, pois os sujeitos deste encontro são bem claros: o discípulo que responde em primeiro lugar à iniciativa que provém de Deus por meio de seu Filho, Jesus Cristo, e o Mestre que se aproxima de cada um de seus seguidores e caminha na e com a comunidade dos crentes, seus discípulos missionários. A pergunta sobre os lugares é fundamental, porque além de ser fonte de experiência de vida na fé, se tornam um caminho pedagógico de amadurecimento. A pesquisa procurou ajudar numa reflexão sobre a catequese que não perca de vista os sujeitos desse encontro: o discípulo e o Mestre e, por conseguinte o itinerário que está na base da formação e educação da fé do seguidor de Jesus Cristo. Estes dois focos de modo algum podem ser separados um do outro, pois o encontro se dá com o Senhor Jesus Cristo e é a partir dele que é feito o itinerário de amadurecimento humano e espiritual. Ao mesmo tempo em que o encontro marca a caminhada de identificação com o Mestre, pois continua sendo o critério de trajeto, avaliação do percurso e de discernimento no itinerário de educação da fé.

### Referências bibliográficas

- BÍBLIA: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003.  
CASALEGNO, Alberto. *Lucas: a caminho de Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003.  
CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Paulus, 2000.  
CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Catequese, caminho para o discipulado e a missão: 2009 Ano Catequético Nacional, Texto base*. Brasília: Edições CNBB, 2008.  
CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus/Paulinas, Brasília: Edições CNBB, 2007.  
FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos II*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.  
STORNIOLO, Ivo. *Como ler o evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 2006.

### Delmiro Vieira do Nascimento Júnior

É religioso salesiano, licenciado em Filosofia, bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), Campus Pio XI, e especialista em Catequese pelo mesmo Instituto.

### Nota

<sup>1</sup> *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003. (Todas as citações bíblicas apresentadas neste trabalho se referem a esta edição e tradução).

<sup>2</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Paulus, 2000, n. 640 (Edição típica vaticana). Ao longo do artigo esta referência será mencionada no corpo do texto como Catecismo.

<sup>3</sup> CASALEGNO, Alberto. *Lucas: a caminho de Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003, p.193.

<sup>4</sup> FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos II*. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 2006, p.242.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 2006, p.243.

<sup>6</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Catequese, caminho para o discipulado e a missão: 2009 Ano Catequético Nacional, Texto base*. Brasília: Edições CNBB, 2008, n. 23. Esta referência ao longo do trabalho será mencionada como CNBB. Texto base.

<sup>7</sup> *Ibid.*, n. 27.

<sup>8</sup> *Ibid.*, n. 34.

<sup>9</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus/Paulinas, Brasília: Edições CNBB, 2007, n.291. Esta referência no restante do trabalho será mencionada no corpo do texto com a sigla DAp.

<sup>10</sup> CNBB. *Texto base*, n. 37.

<sup>11</sup> FABRIS, R.. *Os evangelhos II*, p.243.

<sup>12</sup> Cf. CASALEGNO, A., *Lucas: a caminho de Jesus missionário*, p.195.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.195.

<sup>14</sup> STORNILO, Ivo. *Como ler o evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 2006, p.213.

<sup>15</sup> FABRIS, R., *Os evangelhos II*, p.243.

<sup>16</sup> STORNILO, I. *Como ler o evangelho de Lucas*, p.214.

<sup>17</sup> CNBB. *Texto base*, n. 72.

<sup>18</sup> *Ibid.*, n. 73.

<sup>19</sup> CASALEGNO, A. *Lucas: a caminho de Jesus missionário*, p.196.

<sup>20</sup> CNBB. *Texto base*, n. 73.

<sup>21</sup> *Ibid.*, n. 86.

<sup>22</sup> FABRIS, R.. *Os evangelhos II*, p.243.

<sup>23</sup> CASALEGNO, A. *Lucas: a caminho de Jesus missionário*, p.196.

<sup>24</sup> CNBB. *Texto base*, n. 85.

<sup>25</sup> *Ibid.*, n. 88.

